

Introdução

Larissa de Macedo Raymundo

*A Experiência do Místico*¹

O mistério da natureza, dos objetos e da própria existência do homem o fez ser guiado para as descobertas – sejam internas ou externas. Para isso, o homem precisou da ajuda de sua curiosidade e de seu discernimento para transformar o mistério em fato. Porém o que está acima das nuvens ainda parece ser envolto de névoa – embora isso não deixe de aguçar a curiosidade natural da humanidade.

Se pensarmos na etimologia da palavra mistério, cuja raiz está no grego, ela nos mostra claramente que essa pequena palavra, tão instigante, realmente provém do que é oculto, secreto. O que sempre reparamos ao encontrar esse vocábulo na literatura é que o enigmático está fora da gente, ou seja, em outra pessoa, em outra coisa, em outro lugar. Se recorrermos à literatura contemporânea, logo veremos que o misterioso, que está fora de nós e que nos instiga, move grandes *best-sellers*, como o mistério que “Edward” tem para “Bella”, em *Crepúsculo*; o mistério de “Lorde Voldemort” sobre “Harry Potter” e seus amigos, em toda a série de *Harry Potter*. Fora esses, temos também os grandes clássicos, como os da literatura brasileira, em que os olhos de Capitu nunca deixaram Bentinho enxergar o que realmente se passava na realidade – eram seus olhos, cheios de mistério, que embriagavam toda a trama de “Dom Casmurro”. São exemplos presentes, e passados, para entendermos que o oculto está hodierno em nossa essência existencial.

¹ A aparição deste texto de introdução se deu em um trabalho acadêmico, apresentado como forma de avaliação, em dezembro de 2012, às disciplinas de “História do Livro e da Leitura” e “Design Editorial I”, ministrados, respectivamente, pelos professores Maria Lajolo e Norberto Gaudêncio, na Universidade Presbiteriana Mackenzie. O trabalho se intitulava “Antologia Mística: Luis de León, Teresa de Jesus e Juan de la Cruz”. Como nesta revista nosso foco é Teresa de Jesus, houveram algumas adaptações deste texto para a revista.

Voltando ao que dissemos sobre o que está do lado de fora, na realidade, o enigmático inicia-se em nós mesmos, pois somos nós quem damos cabo à busca incessante do fato, do real, do tocável. A divindade está em nós, pois, como Cristo mesmo disse: “Sois deuses”². Então, se somos assim, fazemos parte dessa divindade, do segredo que circunda o pensar, agir e sentir do homem. É nessa linha de raciocínio que muitos estudiosos (entre eles cétricos e ascéticos) iniciaram uma busca sobre as explicações dos místicos.

Um deles é Miguel de Santiago, teólogo espanhol, cuja obra, *Antología de Poesía Mística Española*³, descreve as várias fases que a mística tem, sobretudo, na poesia espanhola. Para ele, a poesia mística apoia-se em seu sentido literal, ou seja, o de elevar o poeta e o leitor ao transcendental, e não somente no sentido metafórico, tão usado por outros poetas. Santiago apresenta as diversas características que possui a poesia mística, tais como: o processo místico, as classes da mística e etapas no processo místico (SANTIAGO, 1998).

O processo místico ocorre quando o homem percorre um longo caminho até a mais profunda experiência de encontro com Deus: o êxtase. E esse percorrer é eterno, pois, segundo Miguel de Santiago, “o homem é um ser sempre caminhante, um peregrino em direção à unidade plena e indissolúvel do Amor. Nesta vida, nunca alcançará a plenitude ou a perfeição absoluta; no entanto, caminhará atrás disso sem descanso” (1998, p. XII – XIII, tradução nossa). Sendo assim, o processo místico sempre será uma busca, uma escalada em direção ao lugar mais alto da montanha.

Quando vemos as classes místicas, observamos que, no geral, há de dois tipos – a doutrinal e a experimental. A primeira refere-se ao estudo de como os místicos são classificados, bem como os graus de êxtases pelos quais passam, suas dificuldades, suas provações para chegarem o mais próximo de Deus. Segundo Santiago, “a mística doutrinal é acessível à vontade e ao entendimento humano, da mesma forma que qualquer outra ciência ou disciplina” (1998, p. XIV, tradução nossa). Já no processo místico experimental, a pessoa passa por um estado espiritual, ou seja, ela não é totalmente acessível ao entendimento ou à vontade do místico, pois essa experiência se dá, exclusivamente, pela vontade divina. Tal

² Essa passagem está em João, capítulo 10, versículo 34. Também encontramos “sois deuses” no Salmo 82. Cf.: *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Editora Maltese, 1962.

³ Madrid: Ed. Veron, 1998.

experiência vemos, como exemplo, no êxtase que Santa Teresa de Jesus teve ao ser levitada por um anjo e nela encravada uma flecha.

É válido lembrarmos que, ao longo de toda esta introdução, e da revista, recorreremos ao misticismo no âmbito das religiões monoteístas, em particular, a cristã. Isso se deve ao fato de o misticismo, ou a mística, do cristão (como o catolicismo, o protestantismo e o judaísmo) ser diferente das religiões orientais, já que essas dizem que a mística está somente ao encontro com o eu, uma mística de libertação. O mesmo ocorre com a mística cristã, porém ela busca desvendar os mistérios internos da alma do sujeito a fim de chegar até Deus, como faz Teresa de Jesus em *Moradas*⁴.

Retomando as características da poesia mística, as etapas do processo místico podem acontecer em quatro graus, como os que comenta Santa Teresa:

1. Quietude, em que a alma descansa, embora não esteja livre de qualquer distração;
2. Estado de união, em que é vivo o sentimento da contínua presença de Deus [nesse estado desaparece as ditas distrações];
3. Êxtase, com a interrupção de todos os sentidos humanos;
4. Mística esponsal, em que a alma começa a saborear a presença de Deus, implicando isso também ao corpo [não somente à alma], em um ato entre o conhecimento e a visão plácida, imediata, de Deus, que se expressa como uma tomada de amor. (SANTIAGO, 1998, p. XV – XVI, tradução nossa).

Esses quatro graus mostram que a mística, em especial a experimental, caminha desde a percepção dos sintomas de um arroubo, até o êxtase propriamente dito, com a presença e o ato amoroso do místico com Deus. Entende-se ato amoroso como um ato de amor universal, ou seja, um sentimento puro, não o sentimento carnal, entre os seres humanos. Esse pensamento pode até existir, como muitos estudiosos apontam, mas também há outros que defendem a ideia de um amor totalmente oposto ao carnal – como um estado de graça, uma sensação que poucos místicos, e muitos santos, tiveram.

Dentre todos os aspectos da poesia mística aqui expostos, a mística espanhola apoiou-se, sobretudo, em três grandes representantes: Luis de León, Teresa de Jesus e Juan de la Cruz⁵. Do que vimos anteriormente, León estaria vinculado à característica doutrinal, visto que a experimental requer vivência nas elevações santas, como ocorreu aos Doutores da Igreja, Teresa de Jesus e Juan de la Cruz. Embora haja essa diferença de nomenclatura, um

⁴ Moradas ou Castelo Interior. In.: GALACHE, Pe. Gabriel C. (Org.). *Obras Completas de Santa Teresa*. São Paulo: Ed. Loyola, 1995.

⁵ Em português seria *João da Cruz*, mas aqui optaremos pelo nome espanhol.

não se opõe ao outro por sua excelência poética, pelo contrário, se complementam, visto que os três eram conhecidos e amigos – Luis de León era professor da Universidade de Salamanca, Teresa de Jesus teve seus livros organizados por Luis, e Juan de la Cruz foi, junto com Teresa, reformador da Ordem dos Carmelitas.

Esses três clérigos, pensadores e, sobretudo, disseminadores da fé promoveram grandes mudanças na poesia mística, sejam de ordem educacional – como era recorrente em uma Espanha do século XVI, caminhando para a Idade Moderna (das Grandes Navegações), e cristã –, sejam de ordem espiritual, levando o leitor o mais próximo da essência da divindade interna e externa.

Contudo, nesta revista, apoiar-nos-emos à vida e obra de Santa Teresa de Jesus, ou Santa Teresa D'Ávila, ou, simplesmente, Santa Teresa. Grande mulher e pensadora de seu tempo, ela rompeu com muitas das barreiras do místico, expondo seu amor fiel e sublime ao Criador. Foi graças a esse amor que ela conseguiu ultrapassar muitos obstáculos existentes em uma época cujas ideias estavam contra os direitos dos judeus, das mulheres e das pessoas que pensavam “diferente” da Igreja – esta passava por muitas mudanças, dentre elas o *boom* da Reforma Protestante.

Mesmo que os escritos e pensamentos de Santa Teresa estejam voltados ao religioso, à fé, suas palavras, antes de tudo, ajudar-nos-á a identificar as incógnitas que envolvem o homem, suas dúvidas e sua força, escondidas nos mistérios de sua existência.